A Comunicação dos Marginalizados no contexto das lutas pelas memórias na Cultura Brasileira[1]

Gerson de SOUSA[2]
Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

Este artigo tem por objetivo analisar a proposta teórica da Folkcomunicação, sistematizada como conjunto dos agentes, meios, métodos e técnicas de que se valem os grupos marginalizados da sociedade, a partir de duas concepções no campo da comunicação e cultura. A primeira trata-se da delimitação do objeto de estudo na comunicação dos marginalizados, ao partir do pressuposto teórico funcionalista, e a defesa sintomática de evitar confundiar a Folkcomunicação como o estudo do folclore ou da cultura popular. A segunda é a importância das pesquisas em Folkcomunicação ao contribuir para o registro de um aspecto da cultura popular, em um momento histórico em que acontece as lutas pelas memórias para estabelecer o sentido do sujeito no presente e o significado do passado na construção histórica da realidade brasileira.

Palavras-chave: Folkcomunicação; Memória; Cultura Popular; Folclore; Comunicação

1 - Introdução

"Se o indivíduo é analfabeto, como é que ele se informa? Se ele não vai ao cinema e se ele não tem televisão, como é que ele intercambia opinião?" As questões foram tomadas como problemas fundantes para o cientista Luiz Beltrão, no final da década de 60, e que o levou do ato de situar o "fenômeno curioso" identificado na realidade social para o mergulho em sua própria memória. O objetivo era entender a articulação dos marginalizados em meio aos desafios das mudanças sociais, políticas e econômicas. O caminho para encontrar as respostas, somado à experiência de vida do cientista, o levaram a construir o que denominou de Folkcomunicação.

Da lembrança dos companheiros gráficos, do clube do frevo, da história de lampião, "às multinacionais substituindo os coronéis com a mesma voracidade com que os usineiros substituíram os senhores de engenho na indústria do açúcar" o pesquisador

[1] Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação do XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutor em Ciências da Comunicação pela ECA-USP e professor adjunto do curso de Comunicação Social: Habilitação em Jornalismo da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia, email: gerson@faced.ufu.br

Luiz Beltrão identifica o cenário de mudanças nos quais atualmente analisamos a sociedade imersa no processo de globalização econômica e mundialização da cultura.

O início da segunda década do século XXI traz como um dos problemas, no campo da cultura, o significado e a luta para conquistas sociais no presente de grupos marginalizados, em um período de hegemonia da comunicação. O folclore, ora tratado como estático, ora reduzido a turismo como simulacro, é ciclicamente criticado e, às vezes, demolido pelo discurso da ressignificação cultural e pelos fatos históricos de revoluções que revelam a dinâmica das expressões populares. Essa dinâmica complexa é um dos indicadores essenciais para entender outra questão importante: por quê em meio a todo esse processo de progresso irreversível pelo capitalismo, essas expressões culturais violentadas por uma hierarquização de poder se mantêm vivas até os dias atuais?

A análise se recai na resistência, na capacidade de reelaborar suas práticas culturais e na adaptação às situações adversas. Os itens permitem entender o teor da pluralidade da cultura brasileira e identificar o valor do saber popular em situação de enfrentamento ao conhecimento cientifico. O olhar para esta realidade propiciou ao cientista Luiz Beltrão mapear que uma das formas para o indivíduo se informar e intercambiar informações era a utilização dos meios que lhe davam. Se num primeiro momento Luiz Beltrão identifica a função da comunicação utilizada pelos marginalizados para se informar e se orientar, há em seguida o acréscimo do educar. O aprofundamento dos estudos resultou na ampliação do conceito de Folkcomunicação em que o povo utiliza as notícias para se informar, orientar, educar, entreter-se.

Essa breve descrição da construção teórica da Folkcomunicação tem o objetivo de colocar o primeiro problema a que este artigo se propõe contribuir para a discussão no processo comunicativo. O lugar teórico do qual Luiz Beltrão parte para conceituar a comunicação dos marginalizados é o funcionalismo, baseado no modelo teórico do two-step flow of comminication, de Paul Lazarsfeld. Em recentes artigos como Wainberg (2003), Hohlfeldt (2003), Fernandes (2010), há o objetivo de aproximar a Folkcomunicação dos Estudos Culturais ou mesmo de mostrar como os pressupostos empíricos de Luiz Beltrão antecipam as mediações propostas na obra de Jesús Martin-Barbero (2001).

Em meio à luta para a sedimentação da teoria Folk, as vozes internas e externas mostram que é preciso entender as delimitações de análise para situar o pesquisador em comunicação. Do artigo de Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy (2003) veio as

objeções de associar Estudos Culturais e Folkcomunicação por diferenças epstemológicas, teóricas e metodológicas. Nos debates internos de Folkcomunicação, a crítica se faz também como necessidade em orientar e definir a teoria para que os trabalhos não fiquem restritos à análise da cultura popular ou ao folclore. A questão já havia sido alertada por Luiz Beltrão. Ao ser perguntado sobre os limites entre o folclore e a Folkcomunicação, o jornalista responde:

> Eu costumo dizer que quando o indivíduo me chama de folclorista eu digo não, sou um aproveitador do folclorista. Na verdade, eu não sou um folclorista, mas um homem que aproveita a pesquisa feita pelo folclorista. O folclore é uma manifestação da sabedoria do povo, quer dizer, o povo faz o folclore. Na Folkcomunicação o que a gente procura é a mensagem real, atual, escondida naquela manifestação antiquada. É preciso analisar isso em profundidade, não ficar nas aparências (BELTRÃO, 2004, p. 115)

O problema se faz: em que medida a exigência para o pesquisador evitar o desvio do objeto de estudo em Folkcomunicação, delimitado nos agentes, meios, métodos e técnicas dos grupos marginalizados na sociedade, pode permitir ou distanciar o mergulho para outras proposições teóricas? Será que a identificação do sujeito marginalizado e o mergulho, por extensão, na concepção de cultura como formas e práticas culturais que organizam a vida cotidiana, como nos Estudos Culturais, não implica em outra definição de objeto de estudo? Como é possível dinamizar e atualizar a teoria Folk no contexto atual sem que suas proposições teóricas se ampliem ao ponto de ser confundida com uma comunicação classista, do qual Luiz Beltrão fez questão de enfatizar a distância?

Se por um lado o debate se faz em definir a ampliação teórica do qual se sustenta a Folkcomunicação, por outro as pesquisas neste campo teórico contribui para o registro da memória de um dos aspectos da cultura popular: as formas de expressão. O valor desta identificação ocorre neste momento histórico em que acontece as lutas pelas memórias para estabelecer o sentido do popular no presente e o significado do passado na construção histórica da realidade brasileira.

Ao recusar as meras aparências na comunicação dos marginalizados e aprofundar na busca da ‘mensagem real e atual escondida na manifestação antiquada” o pesquisador em Folkcomunicação permite entender um dos aspectos na relação complexa entre o massivo e a comunicação popular. A comunicação massiva e a

comunicação popular são analisadas na dinâmica interativa de usos e apropriações temáticas. Mesmo por este lado, há outra questão contumaz: como a análise inicial da "folkmidia como recodificadora das mensagens veiculadas pelo mass media" ou "a revitalização da folkcomunicação como retroalimentadora das indústrias culturais" contribuem para a conceituação dos embates dos grupos sociais na pós-modernidade?

O objetivo deste artigo é contribuir para os embates e debates na construção teórica da Folkcomunicação. A proposta é fazer apontamentos a partir do pressuposto teórico no modelo funcionalista do qual parte Luiz Beltrão. Por outro lado, pretendo conceituar em que consiste a memória marginalizada, partindo da referência de pesquisas e trabalhos que desenvolvo na área de comunicação e cultura. Os problemas levantados neste debate, em fase inicial, tem a simples pretensão de contribuir para o desenvolvimento teórico no campo da comunicação.

2 – A complexidade dos agentes comunicativos

A citação do fluxo comunicacional em duplo estágio, de Paul Lazarsfeld, como estando no paradigma funcionalista, sem contextualizá-lo epistemologicamente no quadro teórico da comunicação, é permitir um fluxo diverso de leituras que pode levar o pesquisador a perder o caminho das diferenças conceituais. O primeiro aspecto é entender de qual lugar parte a analise também conhecida por "efeitos limitados" dos meios de comunicação na sociedade. No solo filosófico, o funcionalismo está no positivismo, cujo rigor cientifico exclui, por improcedentes, explicações de natureza metafísica ou teológica. O método é a pesquisa empírica, tem por objeto de estudo as trocas sociais nas sociedades organizadas e por influência na psicologia behaviorista, cuja interpretação de mudança social se faz na análise do comportamento baseada no estimulo-resposta.

É justamente nas pesquisas empíricas, em que se procurava descobrir os motivos dos fracassos das campanhas políticas ou publicitárias, no inicio do século passado, que o mergulho na realidade dos Estados Unidos fez com que os pesquisadores funcionalistas identificassem que os meios de comunicação não funcionavam como hipnóticos. Era aqui um passo a mais no questionamento da primeira teoria nominada agulha hipodérmica. O receptor da comunicação massiva nem sempre mudava seu comportamento a partir da mensagem midiática. Era necessário considerar outros

fatores para descobrir os motivos das pessoas manterem opiniões diferentes às mensagens pretendidas pela mídia.

Um dos aspectos identificados por Paul Lazarsfeld para entender os motivos dos fracassos está no fluxo comunicacional em duplo estágio. A conceituação do sociólogo parte da afirmativa de que a noticiais veiculadas nos meios de comunicação nem sempre atingem os receptores de forma direta, num controle total. Era preciso considerar os líderes de opinião: pessoas bem informadas, de elevado grau de instrução e que inspiram confiança. Esse sistema passa a ser ampliado por Luiz Beltrão para os múltiplos estágios que compreendem "meios, líderes com seu grupo mais íntimo, líderes com outros líderes e, afinal, com a grande audiência de folk". (BELTRÂO, 1980, p. 32).

Como nos revela Melo (2008), Luiz Beltrão demonstrou empiricamente que o fluxo comunicacional em duas etapas (Lazarsfeld e Katz) assumia uma complexidade maior no caso brasileiro:

> Além das etapas de difusão midiática (jornal, televisão) e da decodificação grupal (lideranças entuais) ele identifica uma complementaridade de sistema comunicacionais. Numa ponta o sistema de comunicação massiva; na outra, os grupos primários, receptores das mensagens midiáticas Interpondo entre os dois, Beltrâo reconhece um sistema 'mediador' que ele denominou como folkmidiárico, (MELO, 2008, p. 61)

A análise do cientista reconhece o processo de comunicação popular. As festas, folguedos, repentes, literatura de cordel operam como recodificadores das mensagens da mídia. "Eles não apenas reciclam a linguagem, mas intervêm no conteúdo das mensagens, reinterpretando-as, segundo os padrões de comportamento vigentes nesses agrupamentos periféricos" (MELO, 2008, p.62). Os caminhos conduzem ao problema inicial deste artigo do qual parte Luiz Beltrão.

> Com se informavam as populações rudes tardes do interior de nosso país continental? Por que meios, por quais veículos manifestavam o seu pensamento, a sua opinião? Que espécie de jornalismo, que forma – ou formas – atenderia a sua necessidade vital de comunicação? Teria essa espécie de intercâmbio de informações e idéias algo em comum, com o jornalismo, que passei a classificar de 'ortodoxo'? E não seria uma ameaça à unidade nacional, aos programas desenvolvimentistas, aos nossos ideais políticos e à mesma sobrevivência do homem brasileiro, como tipo social definido, o alheamento em que nós, jornalistas enigmática, que é a comunicação sub-reptícia de alguns milhões de cidadãos alienados do pensamento das elites dirigentes? (BELTRÃO, 2004, p. 41)

O papel importante dos líderes de opinião de Lazarsfeld é conceituado por Luiz Beltrão na identificação dos agentes-comunicadores. A questão pontual aqui está no percurso de análise tomado pelo jornalista para se chegar até o objeto de estudo da Folkcomunicação. Ao se orientar pelas análises em outras áreas do saber, Luiz Beltrão mostra, pela pesquisa empírica, a divisão da realidade do Brasil: o discurso e ação do progresso cuja meta é levar ao país ao desenvolvimento "cultural" e econômico em completa ruptura com a realidade dos marginalizados. A análise dessa divisão social se aprofunda ao orientar-se pelo comportamento do outro a partir do sistema de comunicação. Se esses grupos sociais marginalizados se atualizam, reinterpretam e readaptam os modos de pensar e agir de forma a não ouvir as mensagens da grande mídia é porque no seu interior haveria de ter um processo comunicativo com métodos e técnicas semelhantes.

É neste mergulho que o aproveitar do folclorista produz consistência da defesa dos marginalizados na Folkcomunicação. O menosprezo das elites cultas pelas formas de expressão do popular iria acentuar na divisão do país a condição dos marginalizados. A tradição mantida pela oralidade, como nos caso dos negros no Brasil, passava a incorporar o folclore. Mas este folclore está longe de ser tratado como "desenfados populares" para ser entendido como desabafo, crítica da realidade. Ao se orientar pela tese de Edson Carneiro, Luiz Beltrão traz a afirmativa do folclore ser dinâmico e se caracterizar como resistência e reivindicação.

A vinculação estreita entre folclore e comunicação popular leva o jornalista a conceituar Folkcomunicação "como o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, idéias, atitudes da massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore" (BELTRÃO, 2004, p. 47). O alerta está em que nem toda manifestação folclórica é jornalística. A queima do Judas, as danças e fantasias do Entrudo, o bumba-meu boi, produtos de habilidades artesanal de pintores, escultores, ceramistas, rendeiras, gravadores e até de cozinheiras do forno e fogão que desenvolveram e praticam a confeitaria. Esses tópicos revelam parte do que se pode entender como estudo da Folkcomunicação.

O pioneirismo de Luiz Beltrão para os estudos em comunicação é destacado por Marques de Melo ao identificar como os estudos culturalistas, ao privilegiar os processos de recepção, "resgatam o discurso empírico realizado por Luiz Beltrão". Nesses estudos estão citados as teses das mediações culturais (Barbero), hibridismo e mestiçagem (Canclini) ou frentes culturais (Gonzalez). A questão é que esses estudos

vão mais além do que trabalhar com abordagens distintas. Há algumas questões que já foram devidamente tratadas por Nilda Jacks e Ana Carolina Escosteguy (2003) e precisam as diferenças nos aspectos teóricos, metodológicos. É preciso considerar que o fato de as expressões acima serem estudadas pelo Folkcomunicação, o partir do intercambio de informações revela em si a diferença teórico- metodológica em relação aos Estudos Culturais e às mediações de Barbero.

Se há diferença conceitual é necessário compreender o motivo de trabalhos em Folkcomunicação se utilizarem desses textos, ao ponto de considerar como válido as aproximações teóricas. É importante precisar que o debate aqui não se faz como hierarquia teórica, mas na aceitação da diversidade conceitual no campo comunicativo. O problema então se revela ao mapear a lista de autores citados nos trabalhos de Folkcomunicação no triênio 2007, 2008 e 2009, como revela Rodrigues (2010). Na lista, Nestor Garcia Canclini tem 21 citações, Jesus Martin-Barbero (12), Stuart Hall (9) Alfredo Bosi (6), Ecléa Bosi (6) e Antonio Gramsci (5). Paul Lazarfeld aparece como citação em 5 trabalhos.

As perguntas então se produzem: como é possível se orientar em análises marxistas, em que a questão política, social e econômica estão como pressupostos essenciais no debate, para a análise da comunicação dos marginalizados com fundamento funcionalista na comunicação? Como mergulhar na proposição teórica das mediações em que o pesquisador tem de considerar o cenário do cotidiano e se deslocar para a cultura para entender o novo conceito de comunicação, se a proposta para sedimentar a Teoria da Folkcomunicação é não ser um trabalho sobre a cultura popular, nem sobre o folclore? Como incorporar na análise um modelo teórico, como os Estudos Culturais, tendo por conhecimento que a sustentação teórica está em sua construção, como na codificação e recodificação de Stuart Hall, na crítica ao funcionalismo? O pesquisador em Folkcomunicação não teria de mudar o objeto de estudo ao considerar a cultura como espaço de conflitos sobre a produção de sentidos proposto pelos Estudos Culturais?

As questões podem ser ampliadas para outros autores e temas dos quais se aproximam como análise conceitual de conteúdo. A identidade Cultural no negro na pós-modernidade, o processo de codificação e recodificação, o enraizamento e desenraizamento provocado pela migração, o sujeito histórico no processo de recepção, a dialética da colonização estendida na luta de classes no sistema de comunicação são temas que abrem possibilidades de serem incorporados aos trabalhos de

Folkcomunicação. Essas possibilidades se abrem caso o percurso de incorporação desses pressupostos direcione os debates na teoria Folkcomunicação mais sobre a existência dos sujeitos marginalizados do que no aprofundamento da comunicação dos marginalizados.

Essa conseqüência está na própria concepção da Folkcomunicação, como nominado por Marques de Melo como nebulosidade teórica, que traduz vacilação ontológica de Luiz Beltrão.

> Ao proclamar a Folkcomunicação como um conjunto das formas de expressão das camadas marginalizadas da nossa sociedade, Beltrão foge inegavelmente à discussão sobre a questão das classes sociais no Brasil e deixa de identificar tais manifestações aparentemente marginais como práticas sociais e culturais que traduzem uma ação política dissimulada das classes trabalhadoras. Mas também Beltrão não nega essa essência. (BELTRÃO, 1980, p. VIII).

O problema instigador para a sedimentação teórica parece estar na necessidade aparentemente premente de conceituar o sujeito marginalizado e ao mesmo tempo se ater à exigência interdisciplinar a que o pesquisador Folkcomunicação se defronta como desafio: "penetrar no sentido latente da manifestação folclórica, decodificando com mais rigor a mensagem para entendê-la não apenas sob a forma acomodada da tradição, mas em toda a força do conteúdo crítico vindicatório ou afirmativo da mensagem atualizada que emite" (BELTRÃO, 2004, p. 92). O incentivo ao mergulho está condicionado a determinados fatores: não transformar a Folkcomunicação em uma teoria classista, entender não ser este um estudo de recepção, nem das práticas culturais, nem do cotidiano dos sujeitos marginalizados.

O ponto delicado está em como tratar os agentes-comunicadores ou ativistas midiáticos, termos que avançam do conceito de líderes de opinião de Paul Lazarsfeld. Os agentes ou ativistas estão sendo mencionados como referências atuais diante de pressuposto funcionalista: a influência dos meios de comunicação no comportamento social. É dessa forma que o cotidiano aparece na teoria da Folkcomunicação. "É um narrador da cotidianidade, guardião da memória e da identidade local, reconhecido como porta-voz do grupo social e transita entre as práticas tradicionais e modernas, apropria-se das novas tecnologias de comunicação para fazer circular as narrativas populares nas redes globais. (TRIGUEIRO, 2006, p.4).

Essa intermediação promovida pelos agentes-comunicadores e ativistas midiáticos está condicionada no pressuposto de Luiz Beltrão ao processo de intercambio

de informações e opiniões. Ao retirar deste contexto, a pergunta "quem são os líderes de opinião? força a construção teórica para se constituir na realidade histórica do Brasil. A contradição social torna-se insuficiente para explicar somente pela teoria do comportamento. Esse fator explica porque as novas leituras, como do ativista midiático, é vinculada por Trigueiro na importância da cultura no campo atual da globalização. No momento em que a identidade cultural se faz como essência, a teoria da Folkcomunicação recusa seu norte teórico funcionalista para mergulhar no paradoxo, próximo da contradição: a busca de se valorizar como teoria na desconstrução de seu enunciado teórico a empurra para o limite de se constituir como metodologia interdisciplinar.

3 – Memória Subterrânea

O dilema da defesa teórica na comunicação dos marginalizados está na necessidade de ir além da pesquisa empírica ou não se reduzir a descrição de dados e festas. O processo comunicativo Folk compreendido entre a mídia massiva, os agentes-comunicadores e a mídia Folk e a recepção Folk pulsa de forma gritante uma aparente necessidade: encontrar como análise outros aspectos do sujeito da cultura popular. Os limites, para além dos agentes-comunicadores, estão na função do ativista midiático apresentado como guardião da memória e da identidade local.

Para não ficar no descritivo teórico acrescento dois temas de pesquisa que nos conduzem a pontos importantes na análise folk e revelam a importância da memória. O primeirom cantos do Congado, é o que vou desenvolver como pesquisa em Uberlândia e o segundo, análise sobre a recepção folk, me auxilio na citação de Luiz Beltrão.

Os cantos nos ternos de Congado de Uberlândia têm de ser entendidos pelo reviver dos seus participantes em relação aos antepassados. O sofrimento, a dor, o questionamento social pelo preconceito singularizam as expressões vivenciadas de seus participantes no presente. O desfile recebe cobertura da mídia e faz parte da divulgação da cidade no objetivo de valorizar a tradição e revigorar o turismo. Como pesquisador em Cultura Afro, o principal líder do Congado, Jeremias Brasileiro, foi recém-nomeado comandante geral. O conhecimento acadêmico somado ao saber popular permite a ele produzir desde documentários até inserir a expressão cultural na mídia para denunciar que o Congado tem de ser entendido para além da festa.

Jeremias pode ser enquadrado na mesma qualificação de ativista midiático ou agente-comunicador. Ao articular esse debate para entender a recepção Folk, pelo Congado, tem-se como fato histórico o deslocamento da comunidade negra para bairros periféricos da cidade. Essa forma de intercambiar informação por meio do canto nos permite afirmar que o Congado trata-se de uma forma da comunicação dos marginalizados, passível de ser estudado pelo pesquisador de Folkcomunicação.

A pesquisa com o objetivo de verificar a eficiência da publicidade direta e indireta num bairro pobre de Campinas, interior de São Paulo, realizada em 1971 sob orientação do prof. Mario Erbolato com os alunos do Curso de Comunicações Culturais da Universidade Católica de Campinas é outro relato de pesquisa em Folk por Luiz Beltrão. A narrativa desta comunidade se faz em apresentar as condições de pobreza, o cenário com ruas sem asfalto, o pouco acesso aos meios de comunicação, o salário mensal mísero. Na pergunta sobre a credibilidade da fonte o grupo revelou que "alguns pensam que os parentes falam mais verdade do que os jornais e estações de rádio". Os temas que tomam as conversas desta audência urbana folk foram: "como ganhar dinheiro, problemas de família, educação, esportes, doenças, divertimentos, costura, religião, crime, mulheres, piada e custo de vida" (BELTRÃO, 1980, 250).

Os conceitos acrescentados exigem do pesquisador respostas para tornar justificado o estudo e seguir de forma coerente a análise do intercambio de informações e opinião. O problema está nesta continuidade: qual o conceito de memória se apresenta quando se discute o ativismo midiático? Esse conceito de memória está como "resgate" do passado no presente ou no reviver das contradições da cultura? Não teria o pesquisador em Folkcomunicação, a seguir pela delimitação teórica de Luiz Beltrão, em ser aproveitador, assim como do folclore, das discussões teórico-metodológico de outros modelos teóricos?

A análise do conjunto das formas de expressão das camadas sociais marginalizadas, como as festas, cantos, produtos de habilidade artesanal de pintores, escultores, ceramistas, rendeiras possibilita um posicionamento, no paradigma funcionalista, que revela a relação da folkmídia com a mídia massiva. A complexa relação de recodificação do massivo pelo popular e da retroalimentação do popular ao massivo permite retroalimentar outros pesquisadores que desenvolvem trabalhos em outras áreas de estudo. Uma delas está no que identifico como as lutas pelas memórias no sentido do presente.

Para localizar o leitor, irei conceituar a memória subterrânea a partir dos textos de Michel Pollack, que de certa forma dialoga com a construção social da memória de Maurice Halbwachs. O ponto essencial na defesa de Pollack está em conceituar a memória como um fenômeno construído socialmente e essencial no processo de identidade do sujeito. Quem define o que deve ser preservado? Se a memória está ligada ao processo seletivo de fatos feitos ora pelo sujeito, ora pelo grupo, há de considerar que a história de ambos está nesta construção. Há pontos de identificação, assim como há outros de estranhamento, tornado ao longo do tempo como violência.

Assim pode ser entendido o trabalho de enquadramento da memória imposto por grupos hegemônicos da sociedade. Esse enquadramento está desde os fatos e personagens nacionais na qual todos os indivíduos devem interiorizar como construtivo da sua história, até na forma de sentimentos externos vinculados como essência da identidade. O problema está no momento em que a história de vida do indivíduo entra em conflito com a do grupo ao qual pertence. Quando os fatos considerados como importantes para ele na sua luta diária são tidos como superficiais pelo grupo. Ou, mais precisamente: quando a seleção de fatos da vida do sujeito reforça a sua negatividade.

Ao rejeitar o estereótipo firmado pelo grupo e disseminado para outros períodos de sua vida, o indivíduo se sente impotente na defesa de sua identidade. A luta muda de campo: em vez do espaço externo, ela é interiorizada. E pulsa a cada período da sua vida em que o grupo reforça a representação negativa, até o ponto de reduzi-lo ao negativo. Eis o conceito de violência: quando uma força age não permitindo espaço e tempo para a ação do outro.

Pollack identifica que a emergência destas memórias é o que vêm ocasionando, a disputa entre memórias ou a luta entre a memória oficial e as memórias subterrâneas. “Este embate que se trava pela incorporação destas memórias marginalizadas, silenciadas, é um embate pela afirmação, sobretudo, de uma identidade que, por pertencer a uma minoria, encontra-se marginalizada. (POLLAK, 1989, p. 5).

Esses embates da memória têm de ser contextualizados até por outros autores como Ecleá Bosi ao mostrar a crítica da realidade social dos velhos como marginalizados. Como analisa Marilena Chauí, ao avaliar o trabalho de Bosi “a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubadas suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição. Mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo

triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear as tradições dos vencidos" (BOSI, 1999, p. 19).

A violência física sofrida no passado toma novas proporções nos dias atuais diante da ruptura teórica provocada pelo movimentos sociais ocorridos em meados do século passado. O futuro deixa de ser espaço a ser alcançado onde a promessa dos direitos universais será cumprida. Agora o mergulho se faz no desafio de lutar e construir o presente a partir da identidade. Essa nova proposição configura como um dos elementos para entender os embates da pós-modernidade e o seu mal-estar. O problema acima exige do pesquisador de Folkcomunicação, ao incorporar esses conceitos, fazer a pergunta teórico-metodologica de outro lugar.

Pois, no momento em que o sujeito aparentemente alienado ou tratado como objeto de conscientização se revolta e muda a configuração da realidade pela sua existência, pelas suas mediações, pelo cotidiano, a comunicação tem de ser repensada. A luta no presente ultrapassa o contexto moderno de mostrar a pluralidade cultural em confronto com o ato de uniformização social, mascarado no discurso da identidade como o colocado em prática pela elite. Como nos coloca Stuart Hall (2006) é na esfera da cultura que acontece a luta pela significação, o palco da incorporação e da resistência, um dos locais onde a hegemonia será ganha ou perdida.

Há de entender que essas discussões estão permeadas por outros sistemas teóricos-metodológicos diferentes do Folkcomunicação. No entanto, o mapeamento da memória pelas formas de expressão culturais é um aspecto que permite retroalimentar outras linhas teóricas e disseminar aspectos da memória subterrânea. Não estaria aqui um fator ao qual Luiz Beltrão instiga, que é penetrar no sentido latente da manifestação folclórica? Essas expressões mostram a dinâmica do folclore. Para isso, o pesquisador pode partir da delimitação do objeto de estudos e se fundamentar na função dos meios comunicativos na sociedade.

Há outro fator, somado a memória, que deve ser colocado como importante no trabalho de Folkcomunicação: a oralidade. Ao identificar como um dos suportes de transmissão do popular, a oralidade se constituiu em valor na pesquisa empírica. Não só como metodologia de pesquisa, mas como ato político do pesquisador. O valor de uma tradição mantida de geração em geração e reatualizado no desenvolvimento histórico permite identificar, em pesquisas empíricas, o significado dessas formas de intercambiar informações.

Conclusão

Assim como os cantos do Congado e a audiência urbana de Campinas alheia ao discurso publicitário na mídia, há outras formas de expressão popular que podem ser analisadas pelo pesquisador. Mergulhar nas formas de expressão desses grupos tem o duplo sentido: desvelar como essa forma de comunicação se articula com o social e apontar como a mudança do significado histórico pode ser situada na recodificação do massivo pelo popular e na retroalimentação do popular no massivo.

Os grupos marginalizados organizam seu sistema de comunicação enquanto são bombardeados por um volume de informação determinado por ação massificadora. Em anos anteriores, as populações em áreas afastadas tinham pouco acesso aos veículos de informação. O processo de globalização econômica e o desenvolvimento tecnológico permitiram estender determinados bens para a sociedade. O progresso econômico, incentivado no ato ideológico de um sistema dominante de hierarquizar, revela pela apropriação ou descontextualização histórica a forma arcaica das expressões populares. Por outro lado, a identificação dessas formas comunicativas revela os conflitos imersos nesses homens e mulheres, que revivem no presente, pela memória, a opressão sistemática do poder. Como a mídia vem se alterando diante de fracassos em provocar alterações no comportamento ou entendimento desses grupos marginalizados? É possível entender a influência desta comunicação arcaica no processo de construção informativa da mídia? De que forma o suporte da oralidade e o silêncio mantido na memória subterrânea e torna dizível nos cantos e produções artesanais alimentam esse processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões que vigora o conceito de folkmidia? Os desafios são lançados a cada mergulho da pesquisa empírica, no limiar do folclore e da cultura popular, para sedimentar a Teoria da Folkcomunicação.

Referências Bibliograficas

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação:** Teoria e Metodologia. São Bernardo do Campo: UMESP, 2004.

_____ . **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.

BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

FERNANDES, Guilherme Moreira. **Folkcomunicação e os Estudos Culturais**: em busca de aproximações, Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

_____ . **A identidade cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu Silva e Guaracira Lopes Louro. 4. ed. Riode Janeiro: DP&A, 2000.

HOHLFELDT, Antônio. Novas Tendências nas pesquisas da folkcomunicação: pesquisas acadêmicas se aproximam dos estudos culturais. **PCLA**, v. 4, n. 2, jan. fev. mar. 2003. Disponível em:
<http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista14/artigos%2014-1.html>

JACKS, Nilda A.; ESCOSTEGUY, Ana Carolina D.Objeções à associação entre estudos culturais e folkcomunicação. **Verso e Reverso,** ano XVII, n. 37, São Leopoldo, Unisinos, 2003. Disponível em:
<http://www.versoereverso.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=10>

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações:** comunicação, cultura e hegemonia. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MELO, José Marques de. **A batalha da comunicação**. Sorocaba (SP): Eduniso, 2008.

_____ . Luiz Beltrão: pioneiro dos estudos de folk-comunicação no Brasil, **Revista Latina de Comunicación Social**, ano 2, 21 set. 1999.

OLIVEIRA, Marcelo Pires de. A Transmissão dos Saberes das Figueiras de Taubaté, Anais do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2009.

POLISTCHUCK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da Comunicação**: o pensamento e a prática da Comunicação Social. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de janeiro, v. 5, nº 10,1992, p. 200-215.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social.** Estudos Históricos, Rio de janeiro, v. 5, nº 10,1992, p. 200-215.

_____ . **Memória, Esquecimento e Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, Alessandro. **Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento em igualdade**. Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 14, fev. 97.

_____ . **O que faz a História Oral diferente**. Revista do programa de estudos pós-graduados em História, PUC-SP, n. 14, fev. 97.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Orais: do indizível ao dizível. IN: SIMSON, Olga de Moraes von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1988.

SCHMIDT, Cristina. **Cultura Popular e Múltiplas Mídias**: a comunicação do público jovem, Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Set. 2010.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. O Ativista midiático da rede folkcomunicacional, **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2006.
Disponível em:
<http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-ativista-midiatico.pdf>

VON SIMSON, Olga de Moraes. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de. (Org.) **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a história da educação**. Coleção Memória da Educação.

WILLIANS, Raymond. **Cultura e Sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1969.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995.